

## Mulher: passado, presente e futuro (1887)<sup>1</sup>

Edward e Eleanor Marx Aveling

Tradução: Julia Martins Pinheiro

Revisão de tradução: Patrícia C. R. Reuillard<sup>2</sup>

**Resumo:** A partir da publicação do livro de August Bebel, *Die Frau und der Sozialismus* [A Mulher e o Socialismo], e de sua tradução para o inglês, a autora, que assina o artigo com Edward Aveling, busca apresentar essa obra e ao mesmo tempo explicar a posição dos socialistas em relação à questão feminina. Para eles, a situação da mulher repousa em dados econômicos, sendo as questões relativas a sexo, casamento e vida cotidiana das mulheres no capitalismo aspectos essenciais do materialismo histórico.

**Palavras-chave:** questão feminina; capitalismo; socialismo.

**Résumé:** A partir de la parution du livre de August Bebel, *Die Frau und der Sozialismus*, et de sa traduction en anglais, l'auteure, qui signe l'article avec Edward Aveling, présente cet ouvrage en expliquant les idées des socialistes concernant la question féminine. Selon eux, la situation de la femme repose sur des données économiques, le sexe, le mariage et la vie quotidienne des femmes sous le capitalisme étant des aspects essentiels du matérialisme historique.

**Mots-clé:** question féminine; capitalisme; socialisme.

### Introdução

A publicação do livro de August Bebel: *Die Frau und der Sozialismus* [A Mulher e o Socialismo], além do lançamento de uma tradução inglesa da obra, torna oportuno o esforço que visa explicar a posição dos socialistas em relação à questão feminina. A recepção da obra na Alemanha e na Inglaterra torna esse esforço urgente, a menos que nossos adversários estejam dispostos a nos ignorar e que estejamos dispostos a permanecer passivos perante sua atitude. Os autores deste artigo acreditaram que o público inglês estaria atento aos pontos de vista, aos argumentos e às conclusões daqueles que se intitulam socialistas, fortalecido pela imparcialidade que se acredita ser o seu privilégio. Dessa forma, quaisquer que sejam as opiniões que esse público inglês adote em última análise, ele o fará de maneira consciente. Além disso, os autores também acreditaram que a análise de tal questão era mais bem conduzida quando se tratava da obra de um homem e de uma mulher que pensam e trabalham juntos. Eles desejam que fique claro que se trata, em tudo o que segue, de dois socialistas exprimindo suas opiniões pessoais. Embora acreditem que essas opiniões sejam

---

<sup>1</sup> Tradução de *Woman: Past, Present and Future*, 1887.

<sup>2</sup> Julia Martins Pinheiro Mestranda em Letras (UFRGS), juliamartins.w17@gmail.com  
Patrícia C. R. Reuillard: Professora do Instituto de Letras (UFRGS), patricia.ramos@ufrgs.br

compartilhadas pela maioria de seus colegas, intelectuais e trabalhadores, na Inglaterra, na Europa e na América, não se deve considerar o Partido dos autores como comprometido com todas as propostas seguintes, nem *a fortiori* com alguma delas em particular.

## O livro de Bebel

Primeiramente, algumas palavras sobre a obra que serve de referência a este artigo. Bebel é trabalhador, socialista e membro do *Reichstag*. Seu livro *Die Frau* foi banido na Alemanha<sup>3</sup>, o que aumentou imediatamente a dificuldade de adquiri-lo e o número de pessoas que o procuraram. A imprensa alemã quase que unanimemente o condenou e atribuiu ao seu autor todos os vícios possíveis e imagináveis. Aqueles que se lembram da posição e da personalidade de Bebel compreenderão tanto o alcance do livro quanto a intensidade desses ataques. Cofundador do Partido Socialista da Alemanha, um dos primeiros propagadores da economia política de Karl Marx e possivelmente o melhor orador de seu país, Bebel goza da veneração e da confiança do proletariado, assim sendo, ele é odiado e temido por capitalistas e aristocratas. Ele não somente é o homem mais popular da Alemanha, mas é também estimado por todos aqueles que o conhecem, tanto adversários quanto amigos. Obviamente, tentou-se caluniá-lo, mas podemos dizer, sem hesitar, que as acusações lançadas contra ele são tão falsas quanto perversas.

A tradução inglesa de seu último livro foi recebida por um discurso injurioso em certos bairros. A ira desses críticos irritados teria sido justa se tivesse incidido sobre a negligência sem precedentes dos editores da versão em inglês. A negligência deles é tanto mais notável e imperdoável quanto a edição alemã, impressa em Zurique, é particularmente desprovida de falhas. Temos de excluir da nossa condenação a tradutora, Dra. Harriet B. Adams Walther. De um modo geral, ela desempenhou muito bem a sua tarefa, apesar de um manifesto desconhecimento do vocabulário e das fórmulas econômicas em algumas partes do texto, que provocou ambiguidade e demonstrou uma relutância das mais inexplicáveis ao empregar o plural. Entretanto, o livro está repleto de erros de impressão relacionados a caracteres, ortografia e pontuação. Encontrar em um livro de apenas 264 páginas pelo menos 170 erros é demasiado!

Nós não pretendemos dar conta da parte histórica que abre o livro. Por mais interessante

---

<sup>3</sup> Conforme escreve Bebel no prefácio à 50ª edição alemã: “[...] a primeira edição desta obra [...] foi feita em circunstâncias excepcionais. Alguns meses antes havia sido promulgada a lei antissocialista, segundo a qual todas as publicações socialistas eram suprimidas. No entanto, se alguém ainda se atrevesse a divulgar uma obra proibida ou fosse flagrado ao reeditá-la, seria condenado a até seis meses de prisão. Entretanto, atrevemo-nos”.

que seja, devemos omiti-la, pois há muito a dizer sobre as relações atuais entre homens e mulheres e as mudanças que acreditamos serem iminentes. Ademais, a parte histórica não é verdadeiramente a melhor do livro. Há alguns erros aqui e ali. O livro a consultar, o mais confiável sobre este ponto particular da questão feminina, é o de Friedrich Engels: *A Origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Passemos então à sociedade e à mulher de hoje.

### **Mulher e sociedade**

Do ponto de vista de Bebel, e se pode dizer, no presente caso, do ponto de vista dos socialistas em geral, a sociedade se encontra num estado de agitação e fermentação. É a agitação da decomposição e a fermentação da putrescência. A dissolução está ao alcance da mão, em ambos os sentidos do termo. Acreditamos que o fim do modo de produção capitalista e, conseqüentemente, da sociedade que ele embasa, corresponde a um prazo de validade calculável em anos e não em séculos. E esse fim significa a reformulação da sociedade em formas mais simples, até mesmo em elementos, cuja reestruturação criará uma nova e melhor ordem das coisas. A sociedade está em falência moral, e é nas relações entre homens e mulheres que se manifesta essa falência com a clareza mais repugnante. Os esforços para retardar esse colapso, projetando planos irrealistas, são inúteis. É preciso encarar os fatos.

Nas análises das relações entre homens e mulheres, um dos fatos de primordial importância, foi e continua a ser negligenciado por quase todos. Nem sequer foi compreendido por esses homens e mulheres fora do comum, que fizeram da luta pela libertação da mulher a causa essencial de sua vida. Esse fato fundamental é que a questão é de responsabilidade das estruturas econômicas. Como tudo na nossa complexa sociedade moderna, a situação da mulher tem como base dados econômicos. Mesmo que Bebel tivesse insistido apenas nesse ponto, seu livro já seria valioso. A questão feminina faz parte da organização da sociedade como um todo. Para aqueles que não entenderam essa noção, podemos citar Bacon, que escreve no primeiro livro de *O Progresso do Conhecimento*, “Outro erro... é que, após a repartição das artes e das ciências particulares, os homens abandonaram a universalidade... o que só pode interromper e parar todo progresso... Tampouco é possível desvendar as partes mais profundas e escondidas de qualquer ciência que seja se permanecermos somente no nível dessa mesma ciência sem nos elevarmos”. Na verdade, esse erro cometido quando “os homens (e as mulheres) abandonaram a universalidade” não é apenas a expressão de um humor triste. É, de fato, uma doença, ou, para

utilizar uma imagem que a passagem e a frase citada possam sugerir: aqueles que atacam a forma como são tratadas atualmente as mulheres sem buscar a causa na organização econômica da nossa sociedade contemporânea são como os médicos que cuidam de uma doença localizada sem examinar o estado geral do paciente.

Essa crítica dirige-se não somente a quem caçoa de qualquer discussão que envolva a sexualidade. Ela dirige-se também a esses personagens de temperamento superior, sério e refletido em numerosos casos, que veem que o destino reservado à mulher é lamentável e que desejam profundamente que algo seja feito para melhorar sua condição. É uma massa corajosa e admirável que luta pela reivindicação perfeitamente justa, o voto das mulheres; pela revogação da lei sobre as doenças sexualmente transmissíveis<sup>4</sup>, monstrosidade nascida da covardia e da brutalidade masculinas; pelo direito da mulher de ter uma educação superior, pela abertura das portas das universidades, das profissões liberais e de todos os empregos, daquele de professora àquele de caixeira-viajante. Em toda essa ação, que é inteiramente justa, notamos sobretudo três coisas. Em primeiro lugar, os interessados provêm, em geral, das camadas mais privilegiadas. Para além do movimento contra a lei sobre as doenças contagiosas, exceção única e restrita, é recente o desempenho de um papel importante de algumas mulheres pertencentes à classe trabalhadora nesses vários movimentos. Esperamos a objeção segundo a qual se pode praticamente dizer, no que diz respeito à Inglaterra, a mesma coisa do movimento em uma amplitude maior à qual todos os nossos esforços são dedicados. Sem dúvida, o socialismo neste país é quase tão importante quanto um movimento literário. Ele conta apenas com uma pequena margem de trabalhadores. Podemos responder que esse não é o caso na Alemanha e, mesmo aqui, o socialismo está começando a se expandir entre os trabalhadores.

O próximo ponto é que todas as ideias dessas mulheres “de vanguarda” têm como fundamento a propriedade ou as questões sentimentais ou profissionais. Nenhuma delas vai além dessas três questões para atingir os fundamentos, não só de cada uma das questões mencionadas, mas da própria sociedade: a determinação econômica. Esse fato não surpreende aqueles que conhecem a ignorância dos dados econômicos da maioria dos que militam a favor da emancipação da mulher. A julgar pelos seus escritos e seus discursos, a maior parte dos defensores da mulher não prestou qualquer atenção ao estudo da evolução da sociedade. Mesmo a economia política corriqueira, que, em nosso entender, é falaciosa nas suas

---

<sup>4</sup> Por vezes, chamavam-se assim (*C. D. Acts*) os *Contagious Diseases Prevention Acts*, votados com vista a prevenir as doenças sexualmente transmissíveis, “inclusive a gonorreia”, através do exame médico e da detenção das prostitutas.

afirmações e inexata nas conclusões, não parece dominada em geral.

O terceiro ponto deriva do segundo. Aqueles de quem falamos não fazem propostas que provenham do cenário atual da sociedade. Por isso, seu trabalho é, em nossa opinião, de pouco valor. Nós apoiaremos o direito de voto para todas as mulheres, não só daquelas que possuem bens, mas também a revogação da lei sobre as doenças contagiosas e o acesso a todas as profissões para ambos os sexos. A verdadeira situação da mulher em relação ao homem não seria profundamente atingida (não nos ocupamos, neste momento, do desenvolvimento da rivalidade e do agravamento das condições de vida), porque nada disso transforma para elas as relações entre os sexos, exceto a lei sobre as doenças contagiosas indiretamente. Tampouco negaremos que, uma vez alcançado cada um desses três pontos, o caminho seria facilitado para a mudança radical que tem de acontecer. Entretanto, é fundamental recordar que a mudança definitiva só acontecerá depois de ter ocorrido a transformação ainda mais radical de que ela é corolário. Sem essa transformação social, as mulheres jamais serão livres.

A verdade, que não é plenamente reconhecida, nem mesmo por aqueles que se preocupam em agir a favor da mulher, é que ela, como a classe operária, está sujeita à opressão, que a sua condição se deteriora inexoravelmente como a dos operários. As mulheres são submetidas a uma tirania masculina organizada assim como os trabalhadores são submetidos à tirania organizada dos ociosos. Mesmo quando isto é compreendido, nunca devemos nos cansar de insistir que, para as mulheres, assim como para os trabalhadores, não há, na sociedade atual, uma solução efetiva para as dificuldades e os problemas que se apresentam. Tudo o que é feito, independentemente da celebração que o anuncie, é apenas paliativo, não solução. As camadas oprimidas, as mulheres e aqueles que são produtores diretos devem compreender que sua emancipação será resultado de sua ação. As mulheres encontrarão aliados entre os homens mais conscientes assim como os trabalhadores encontram aliados entre os filósofos, entre os artistas e entre os poetas; mas as mulheres não devem esperar nada dos homens em geral e os trabalhadores não devem esperar nada das camadas médias em geral.

### **A feminilidade em questão**

A verdade disso sobressai no fato de que, antes de passar ao estudo da condição da mulher, deve-se dizer uma palavra de advertência. Para muitos, o que temos a dizer do presente parecerá ultrajado, a maior parte do que temos a dizer do futuro parecerá quimérico e

talvez tudo o que é dito pareça perigoso. Entre as pessoas cultas, a opinião pública é feita pelo homem e o que é comum é considerado moral. A maioria continua destacando as fraquezas ocasionais da “feminilidade” para impedir a sua igualdade perante o homem. E fala-se com entusiasmo da “vocação natural” da mulher. Esquecemos que as fraquezas femininas, em certas circunstâncias, são consideravelmente agravadas pelas condições insalubres de nossa vida moderna, isso se, na realidade, não forem inteiramente devido a elas. Se racionalizarmos essas condições, grande parte disso desaparecerá, talvez completamente. Esquecemo-nos também de que tudo o que se diz quando se discute a liberdade da mulher é facilmente ignorado quando se trata da sua sujeição. *Nós* esquecemos que, para os empregadores capitalistas, a fragilidade da mulher são interv m com vista a diminuir o  ndice geral dos salários. Além disso, não há “vocação natural” da mulher como não há uma lei de produção capitalista “natural” ou “naturalmente” limitada à soma produzida pelo trabalhador e que forma os seus meios de subsistência. Que, no primeiro caso, a “vocação” da mulher supostamente resida na educação das crianç as, na manutenção da casa e na obediência ao seu dono. Que, no segundo caso, a produção de mais-valia seja uma preliminar necessária   produção de capital. Que, no terceiro caso, o montante recebido pelo trabalhador como meio de subsistência seja tal que ele mal possa manter-se acima da linha da fome. Essas leis não são naturais no sentido de que existem leis do movimento. São apenas convenções sociais temporárias, da mesma maneira que o francês  , convencionalmente, a língua diplomática.

Tratar de forma detalhada a situação da mulher atualmente consiste em repetir uma história já mil vezes contada. Apesar de tudo, para nosso objetivo, devemos destacar novamente certos pontos bastante conhecidos e talvez mencionar um ou dois que o são menos. Primeiramente, uma ideia geral que diz respeito a todas as mulheres. A vida da mulher não corresponde   do homem. Não se sobrepõem nem se encontram em muitos casos. Daí a atrofia da vida familiar. Segundo Kant: “Um homem e uma mulher constituem, quando estão unidos, o ser total e completo, um sexo realiza o outro”. Entretanto, quando cada sexo é incompleto, o que é menos realizado de ambos o   até a última extremidade, e, como regra geral, nenhum deles consegue estabelecer com o outro um relacionamento consistente, livre, verdadeiro e profundo, em pleno acordo, o ser nunca é nem total nem completo.

Em seguida, uma ideia particular que diz respeito apenas a um certo número de mulheres, embora seja importante. Todos conhecem a influência de certas profissões ou estilos de vida no *físico* ou na face daqueles que a exercem ou que a eles estão submetidos. À medida que caminham, reconhecemos o cavaleiro ou o bêbado. Quantos de nós refletiram, nem que seja por um momento, sobre o fato inquietante de que nas ruas, nos edifícios

públicos, nos grupos de amigos, podemos imediatamente reconhecer as mulheres solteiras se forem mais velhas do que os escritores inspirados chamam de "idade incerta" com essa delicadeza irônica que lhes é muito pessoal? Mas não podemos distinguir um homem solteiro de um homem casado. Antes de fazer a pergunta que provém desse fato, recordemos a terrível proporção de mulheres que não são casadas. Na Inglaterra, por exemplo, em 1870, esse era o estado de 42% das mulheres. Tudo isso conduz a uma pergunta simples, legítima e que só é desagradável pela resposta que lhe é preciso dar. Por que nossas irmãs carregam na testa esse traço de instintos aniquilados, de afetos sufocados, de qualidades naturais parcialmente assassinadas, e por que nossos irmãos "mais felizes" não carregam tais traços? E aqui, certamente, nenhuma lei "natural" prevalece. Essa liberdade para o homem, essa prevenção de numerosas uniões nobres e legítimas que não o afetam, mas que recaem pesadamente sobre a mulher, são as consequências inevitáveis do nosso sistema econômico. Nossos casamentos, assim como nossos costumes, baseiam-se no mercantilismo. Não poder cumprir com os seus compromissos comerciais é um erro maior do que caluniar um amigo, e os nossos casamentos são negócios.

### **A dependência da mulher**

Quer se considere a mulher no seu conjunto, ou apenas essa triste comunidade que tem na face as marcas de uma virgindade perpétua, encontramos sempre a necessidade de ideias e de ideais. O motivo ainda é a dependência econômica do homem. As mulheres, mais uma vez à semelhança dos trabalhadores, foram privadas dos seus direitos humanos, assim como os trabalhadores foram privados dos seus direitos enquanto produtores. Em ambos os casos, o método utilizado é o único que permite a expropriação em qualquer momento e em qualquer circunstância: este método é a força.

Na Alemanha, atualmente, a mulher é inferior em relação ao homem. Um marido de "baixa condição" pode castigar sua esposa. Todas as decisões que dizem respeito às crianças dependem dele, até mesmo estabelecer a data do desmame. É ele quem manda, seja qual for a fortuna que a mulher possa ter. Ela não pode celebrar contratos sem o seu consentimento, nem fazer parte de uma organização política. É inútil que apontemos o quanto isso melhorou na Inglaterra nos últimos anos, ou que lembremos nossos leitores que as transformações recentes se devem à ação das próprias mulheres. É necessário lembrar no entanto que, uma vez somados todos esses direitos civis, a mulher inglesa, casada ou não, depende moralmente do homem e é maltratada por ele. A situação dificilmente é melhor em outros países civilizados,

com exceção da Rússia, onde as mulheres são socialmente mais livres do que em qualquer outra parte da Europa. Na França, as mulheres da classe média alta estão em uma situação pior do que na Inglaterra, já as da parte mais desfavorecida da classe média e as da classe trabalhadora estão mais confortáveis do que na Inglaterra ou na Alemanha. Entretanto, dois parágrafos do Código Civil francês, o 340º e o 341º, mostram que a injustiça contra as mulheres não é obra apenas dos teutões: “É proibida a busca de paternidade” e “É permitida a busca de maternidade”.

Todos aqueles que recusam esconder o rosto diante da verdade sabem que o que dizia Demóstenes dos atenienses é a verdade hoje das classes médias e altas da sociedade: “Casamos com a mulher para ter filhos legítimos e para ter uma fiel guardiã de nossa casa, mantemos concubinas para o nosso serviço e uso diário, mas temos heteras pela voluptuosidade do amor”. A mulher é sempre aquela que se ocupa das crianças, a guardiã do lar. O marido vive e ama de acordo com seu prazer malicioso. Mesmo aqueles que admitem isso podem debater quando dizemos que também é ruim para as mulheres que as rígidas regras sociais determinem que apenas do homem deva partir a iniciativa amorosa: o pedido de casamento. Talvez se trate de um princípio de compensação. Após o casamento, é a mulher que toma a iniciativa e o sustento é responsabilidade do homem. Shakespeare mostrou que não é uma lei natural. Miranda, livre de barreiras sociais, propõe a Ferdinand: “Queres casar comigo, eis-me aqui, ou morrerei tua serva...”<sup>5</sup> e Helena, em *Bem está o que bem acaba*, apaixonada por Bertram, que a leva do Roussillon a Paris e a Florença, é como Coleridge disse: “a figura mais encantadora de Shakespeare”.

### Casamento e mercantilismo

Falamos sobre a natureza mercantil da base do casamento. Em muitos casos, é uma operação de troca e, em todos, dada a ordem atual das coisas, o problema de “maneiras e meios” desempenha necessariamente um grande papel. Nas classes superiores da sociedade, o assunto é conduzido sem pudor algum. As imagens de Sir Gorgius Midas em *Punch* testemunham isso. A natureza da publicação na qual aparecem nos lembra que todos os horrores revelados são considerados fraquezas e não erros. Nas parcelas desfavorecidas das classes médias, são muitos os homens que negam a si próprios a felicidade da vida em família até que tenham ultrapassado a idade de a desejar ardentemente, e muitas mulheres fecham

---

<sup>5</sup> *A Tempestade*, III. I

para sempre o livro de suas vidas nas mais belas páginas por medo *rerum angustarum domi*<sup>6</sup>.

Outra prova da natureza mercantil do nosso sistema matrimonial é dada pelas diferentes idades em que habitualmente se casa nas diferentes camadas da sociedade. O momento não está, de modo algum, definido como deveria ser: pelas fases da vida. Alguns indivíduos favorecidos, como reis, príncipes e aristocratas, casam-se ou são casados na idade que a natureza prescreve como a mais adequada. Muitos trabalhadores se casam jovens, ou seja, na idade normal. O capitalista virtuoso que, nesta idade, recorre frequentemente à prostituição, estende-se devotamente sobre a leveza do trabalhador manual. Quem estuda a fisiologia e a economia política encontra aqui uma prova interessante de que mesmo o assustador sistema capitalista não esmagou uma tendência natural e justificada. Entretanto, para a classe social intermediária entre essas duas, o casamento, como acabamos de ver, em princípio, não pode ocorrer antes que a flor da idade tenha passado e a paixão esteja em seu declínio.

Tudo isso diz mais sobre a mulher do que sobre o homem. Para eles, a sociedade fornece, reconhece e legaliza os meios de satisfazer o instinto sexual. Aos olhos dessa mesma sociedade, se uma mulher solteira adota o comportamento habitual dos seus irmãos solteiros e dos homens que dançam nos bailes ou que trabalham com ela em uma loja, ela é uma pária. E mesmo na classe trabalhadora, em que se casa na idade normal, a vida da mulher no sistema atual é a mais dolorosa e ingrata das duas. A velha expressão da lenda “darás à luz com dor”<sup>7</sup> não só é realizada como também é expandida. A mulher deve criar os filhos por longos anos, sem descanso para a aliviar, sem esperança para a realizar, perpetuamente na mesma atmosfera de trabalho e de tristeza. O homem, ainda que desgastado por conta de seu trabalho, tem a noite para fazer nada. A mulher fica ocupada até a hora de dormir. E muitas vezes, com crianças pequenas, sua sentença vai até altas horas da noite ou mesmo a noite toda.

Quando o casamento ocorre, tudo favorece um e é contrário ao outro. Há quem se surpreenda por John Stuart Mill ter escrito que: “O casamento é a única forma real de servidão reconhecida pela lei”. O que nos espanta é que ele não considerou essa servidão como uma questão relacionada a sentimentos, mas sim a estruturas econômicas, como resultado de nosso sistema capitalista. Após o casamento, assim como antes, a mulher é submetida à coerção, não o homem. Para ela, o adultério é um crime, para ele, é um pequeno delito... Ele pode obter o divórcio com base no adultério, ela não. Ela deve fornecer provas de que foi vítima de “brutalidade” (de natureza física). Os casamentos assim concebidos e

---

<sup>6</sup> Do confinamento estreito da vida doméstica.

<sup>7</sup> Conforme o Gênesis III:16: “E à mulher ele (Javé) disse: Multiplicarei grandemente a dor da tua concepção; em dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará.”

realizados, acompanhados por todas essas séries de fatos e consequências, parecem-nos – e medimos nossas palavras – piores que a prostituição. Classificá-los como sagrados ou morais é uma profanação.

## O divórcio

Em relação à questão do divórcio, podemos notar um caso de ilusão cujas vítimas não são apenas a sociedade e as classes que a constituem, mas também os indivíduos. O clero está disposto a unir qualquer pessoa, da idade à juventude, da devassidão à virtude, “e sem fazer perguntas”, como diz um certo tipo de anúncios. No entanto, o clero opõe-se ferozmente ao divórcio. Revoltar-se contra uniões tão discordantes, como as que ele valida de maneira incessante, constituiria “uma intervenção na liberdade do indivíduo”, mas opor-se a qualquer coisa que facilite o divórcio é uma intervenção mais grave contra a liberdade do indivíduo. Toda a questão do divórcio, que, de qualquer modo, é complexa, é ainda mais complicada pelo fato de ter de ser estudada, em primeiro lugar, no âmbito das condições atuais e, em seguida, em relação às futuras condições socialistas. Muitas mentes avançadas defendem uma maior liberdade do divórcio desde já. Eles sustentam que o divórcio deveria ser tão simples de ser realizado como é o casamento, que um compromisso assumido por pessoas que tiveram pouca ou nenhuma oportunidade de se conhecer não deveria ser irrevogável ou mesmo constituir um vínculo tão estreito; que a incompatibilidade de humor, a não realização de esperanças profundamente enraizadas ou um verdadeiro desentendimento deveriam constituir motivos suficientes para se separarem; por fim, e mais importante, eles argumentam que as condições do divórcio devem ser as mesmas para ambos os sexos. Tudo isso é excelente e seria não apenas possível, mas justo, se – note bem o “se” – a situação econômica dos dois sexos fosse a mesma. Mas são diferentes. Portanto, embora concordemos teoricamente com todas essas ideias, acreditamos que, se concretizadas em nosso sistema atual, na prática, na maioria dos casos, elas resultariam em uma injustiça ainda maior para as mulheres. O homem poderia tirar proveito disso, não a mulher, exceto nos raros casos em que ela possui bens pessoais ou meios de subsistência. A dissolução da união significaria a liberdade para o homem e a fome para a mulher e seus filhos.

Podemos nos perguntar se esses mesmos princípios a respeito do divórcio prevalecerão em um sistema socialista. Nossa resposta é a seguinte: a união entre um homem e uma mulher será, como se explica a seguir, de natureza a prevenir completamente a necessidade de divórcio.

## Educação e repressão sexual

Esperamos um julgamento mais hostil do que o anterior sobre a forma como lidamos com os dois últimos pontos em que levamos em conta o futuro. Esses dois pontos já foram mencionados. O primeiro diz respeito ao instinto sexual. Na nossa opinião, o método adotado pela sociedade sobre esse assunto é, inevitavelmente, ruim em sua totalidade. É ruim desde o início. Nossas crianças são sistematicamente silenciadas quando fazem perguntas sobre a procriação ou o nascimento dos bebês. Essa questão é tão natural quanto a dos batimentos cardíacos ou da respiração. Devemos respondê-la com a mesma facilidade e clareza do que as outras. É possível que haja um período, nas crianças muito pequenas, em que uma explicação fisiológica dada em resposta a uma pergunta possa não ser compreendida, ainda que estejamos dispostos a ser precisos nesse momento. Entretanto, nunca pode haver períodos propícios para ensinar coisas erradas sobre qualquer função corporal. À medida que nossos meninos e meninas crescem, tornamos misterioso e vergonhoso tudo que diz respeito a relações sexuais. É a razão pela qual existe uma curiosidade doentia ligada a isso. A mente se concentra excessivamente nesse assunto, permanece insatisfeita por um longo tempo, fica incompletamente satisfeita e chega à morbidade. Nossa opinião é que os pais e as crianças deveriam falar dos órgãos sexuais com a mesma franqueza e liberdade com que falam sobre o sistema digestivo. Opor-se a isso é apenas a manifestação de um preconceito vulgar contra o ensino da fisiologia, preconceito que encontra a sua expressão mais eloquente numa carta recente de um pai a uma professora: “Por favor, não ensine nada à minha filha sobre seus órgãos, não é bom para ela e é desonesto”. Quantos de nós sofremos com *suggestio falsi* ou *suppressio veri* neste domínio, por culpa dos pais, dos professores ou mesmo dos empregados? Perguntamo-nos honestamente de que lábios e em que circunstâncias aprendemos a verdade sobre o nascimento das crianças e, no entanto, é verdade que não podemos nos enganar ao falar de algo sagrado, pois trata-se do nascimento de bebês. Em quantos casos foi a mãe que o ensinou? Ela que tem o direito mais sagrado. Direito adquirido no sofrimento?

Não podemos mais admitir que falar francamente sobre esses assuntos seja prejudicar as crianças. Citemos Bebel, que cita Isabella Beecher Hooker: “A fim de satisfazer a pergunta insistente de seu filho de oito anos que gostaria de saber como ele havia vindo ao mundo e para evitar contar-lhe histórias, o que ela considerava imoral, ela lhe disse toda a verdade. A criança ouviu-a com a maior atenção e, no dia em que soube o sofrimento e a preocupação que tinha dado à sua mãe, deu provas, na sua afeição por ela, de uma ternura e de um respeito

totalmente diferentes. Respeito igual ao que ele mostrou às outras mulheres”. Quanto a nós, sabemos que pelo menos uma mulher disse toda a verdade aos seus filhos e que eles têm por ela um respeito e um amor diferente e mais profundo do que antes.

A falsa vergonha e o falso mistério, contra os quais protestamos, são acompanhados pela separação doentia dos sexos, que começa quando as crianças deixam a sua ama e só termina no momento em que o homem ou a mulher está enterrado. Em *Histoire d'une femme africaine*, uma menina, Lindall, grita: “Já experimentamos a igualdade uma vez, recém-nascidos no colo de nossas amas. E iremos experimentá-la outra vez quando nos fecharem os olhos para nosso último sono”. Essa separação é perpetuada nas escolas e mesmo em algumas igrejas. Esse sistema está em vigor, com tudo o que subentende. Sua pior forma se encontra, naturalmente, nessas instituições desumanas, chamadas mosteiros ou conventos. Entretanto, todas essas formas de um mesmo mal, ainda que menos violentas, são desumanas. É apenas uma questão de grau.

Mesmo numa sociedade comum, as restrições às relações entre homens e mulheres são, assim como as medidas repressivas tomadas contra as crianças em idade escolar, a causa de vários danos. Essas restrições são particularmente perversas considerando os tópicos de discussão. Todo homem vê as consequências disso nas palavras proferidas nas salas de fumar das camadas médias e superiores da sociedade, mesmo se a relação de causa e efeito lhes escape. Haverá alguma esperança de solução apenas no dia em que homens e mulheres de espírito puro, ou que fogem de qualquer deformação, discutirem a sexualidade em todo o seu significado, como seres humanos livres, olhando-se francamente nos olhos. Como reiteramos repetidas vezes, isso deve acompanhar a percepção de que a base de toda essa área está nas estruturas econômicas. Mary Wollstonecraft em *Os direitos da mulher*, afirmava, entre outras coisas, que seres de ambos os sexos deveriam ser misturados em vez de separados ao longo de suas vidas. Ela reivindicava para a mulher os mesmos benefícios que para os homens no campo da educação, que ela fosse educada nas mesmas escolas e faculdades que ele, que da primeira infância à idade adulta os dois sexos fossem formados lado a lado. Essa reivindicação é um doloroso espinho aos pés do Sr. John Cordy Jeaffreson sobre a sua última obra, *The Real Shelley* (1885).

As duas formas-limite da distinção dos sexos consecutivas à sua discriminação são, como mostra Bebel, o homem afeminado e a mulher viril. São dois tipos contra os quais se revolta até mesmo o indivíduo médio com um horror perfeitamente natural diante do que não considera natural. Por razões apontadas mais de uma vez, o primeiro caso é menos frequente do que o segundo. No entanto, esses dois tipos não completam a lista de perturbações devidas

à nossa abordagem do campo das relações entre os sexos. Essa virgindade mórbida já mencionada é outro. A insanidade é um quarto, e o suicídio, um quinto. Sobre esses dois últimos, alguns números sobre o primeiro e um lembrete sobre o segundo. Primeiramente, o lembrete: a maior parte dos suicídios femininos acontecem entre 16 e 21 anos. Muitos deles são, naturalmente, devido à gravidez que o nosso sistema social degrada ao nível do crime. Mas outros provêm da falta de satisfação do instinto sexual, muitas vezes escondido por detrás do eufemismo “desilusão amorosa”. Aqui estão alguns números sobre os casos de insanidade, retirados da página 47 da tradução inglesa de Bebel. Hanover: 1 caso de insanidade a cada 457 pessoas solteiras, 1 caso de insanidade a cada 1.316 casadas. Saxe: 260 casos a cada um milhão de mulheres solteiras. Prússia, em 1882, a cada 10 mil habitantes, 32,2 solteiros e 9,5 homens casados, 29,5 solteiras e 9,5 mulheres casadas.

Chegou o momento em que os homens e as mulheres devem reconhecer que a repressão sexual é sempre acompanhada de efeitos desastrosos. Se a paixão extrema é uma enfermidade, o extremo contrário, o sacrifício do instinto sadio e natural é uma enfermidade da mesma forma. “Aqueles que estão em um extremo ou em outro são indivíduos abomináveis<sup>8</sup>” é tão verdadeiro em nosso contexto quanto a melancolia ou a alegria que Rosalinde invoca na floresta de Arden e, ainda assim, milhares de mulheres são imoladas, passando por tormentos que somente elas conhecem, no Moloch de nosso sistema social. Milhares de mulheres sentem-se frustradas, ano após ano, mês após mês, pela “sua juventude para sempre no passado”. É por isso que nós, e a maior parte dos socialistas, defendemos que a castidade não é algo sagrado, mas malsão. Compreendendo sempre por castidade a supressão completa de todos os instintos relativos à procriação, nós a consideramos como um crime. Como todos os crimes, o criminoso não é tanto a pessoa quanto a sociedade que a compele a cometer e a sofrer um crime. Aqui estamos de acordo com Shelley. Em suas notas a *Queen Mab*, encontramos a seguinte passagem: “A castidade é uma superstição evangélica e monacal, é uma inimiga da temperança natural maior do que a sensualidade intelectual porque destrói as raízes de todas as alegrias domésticas e mantém no sofrimento mais de metade da raça humana, que alguns podem monopolizar de acordo com a lei”. Enfim, no âmbito desse discurso mais importante, recordamos a série de testemunhos médicos que mostram o fato de que a mulher sofre mais do que o homem devido a essas restrições.

---

<sup>8</sup> *Como gostais*, IV 1.

## A prostituição

O próximo ponto, antes de passarmos à conclusão deste artigo, é constituído pelo resultado inelutável do nosso sistema de hoje: a prostituição. Como dissemos, o mal é reconhecido e legalizado em alguns países europeus. Temos apenas uma hipótese comum a acrescentar: aqueles que a apoiam pertencem, em sua maioria, às camadas médias. A aristocracia certamente não está excluída; mas o principal apoio desse sistema abominável é o capitalismo respeitável, rico, de uma moralidade “acima de qualquer suspeita”. Não se trata apenas da opulência e dos hábitos de luxo que dela derivam. O fato revelador é que, numa sociedade baseada no capital, cujo centro é constituído pela classe média capitalista, a prostituição, uma das suas piores consequências, é apoiada principalmente por essa mesma classe. Por outro lado, tal fato diz claramente a lição que temos de aprender. O que se pode dizer dos casos particulares que o jornal londrino *Pall Mall Gazette* tornou familiares a nós pode aplicar-se à prostituição em geral. Para nos livrarmos da prostituição, temos de nos livrar das condições sociais que a geram. As assembleias à meia-noite, os refúgios para os deprimidos... Todos os esforços originados de boas intenções para atacar esse terrível problema são ilusórios e seus promotores reconhecem-no com desespero. E ilusórios eles permanecerão enquanto durar o modo de produção que, criando uma população operária excedente, cria ao mesmo tempo criminosos e mulheres que são literal e tristemente reduzidas ao “abandono”. Livrando-se do modo de produção capitalista, a prostituição desaparecerá, dizem os socialistas.

## O socialismo

Isso nos leva ao último ponto. O que nós, socialistas, desejamos? O que planejamos? De que temos tanta certeza quanto do nascer do sol amanhã? Quais são as mudanças na sociedade que, na nossa opinião, já estão ao alcance? Quais são as consequências que esperamos quanto às mudanças na condição da mulher? Recusemos qualquer intenção profética. Aquele que, raciocinando sobre uma série de fenômenos observados, vê o acontecimento inevitável ao qual eles conduzem, não é um profeta. Um homem não tem direito de profetizar nem de apostar quando se trata de uma certeza. É claro para nós que, assim como na Inglaterra, a base da sociedade alemã, a livre propriedade das terras deu lugar ao sistema feudal, que depois deu lugar ao sistema capitalista, e esse último, não mais eterno do que aqueles que o precederam, dará lugar ao sistema socialista. A escravidão deu lugar à servidão, a servidão à dependência

salarial de hoje, e essa última será substituída por uma nova situação, em que todos os meios de produção não pertencerão nem ao dono dos escravos, nem ao senhor, nem ao mestre dos escravos assalariados: o capitalista, mas eles pertencerão a toda a coletividade. Correndo o risco de dar origem ao sorriso habitual e ao sarcasmo, reconhecemos que não estamos mais prontos para fornecer todos os pormenores do funcionamento socialista da sociedade do que os primeiros capitalistas do sistema que fundaram. Nada é mais comum, nada é mais injusto, nada é mais revelador de falta de discernimento do que clamar pelos pormenores das coisas nesse sistema social para o qual acreditamos que o mundo evolui. Nem aquele que expõe uma nova e grande verdade, nem nenhum dos seus seguidores podem esperar uma elaboração minuciosa. O que pensariam daqueles que teriam rejeitado a descoberta da gravitação porque Newton, ao aplicá-la, não descobriu Netuno, ou daqueles que teriam rejeitado a teoria darwiniana porque o instinto apresentava dificuldades. No entanto, é o que fazem os adversários médios do socialismo. Sempre com uma pacata irreflexão, ignorando o fato de que todas as dificuldades e desgraças que eles supõem que apareceriam com a socialização dos meios de produção já são piores na nossa sociedade contemporânea fadada à decadência.

Do que temos certeza? Afastamo-nos tanto de Bebel durante o caminho de nossa própria reflexão, cujos pontos de partida se encontram geralmente no seu sugestivo livro, que retornamos a ele com alegria e gratidão para responder a essa pergunta. “Uma sociedade em que todos os meios de produção são propriedades coletivas, uma sociedade que reconhece a igualdade íntegra de todos sem distinção de sexos, que provê a aplicação de todos os tipos de progresso ou de descobertas técnicas ou científicas, que contrata como trabalhadores todos aqueles que são atualmente improdutivos ou cujo trabalho assume uma forma inusitada, os ociosos e os parasitas, e que, enquanto reduz o tempo de trabalho para suprir suas necessidades, eleva a condição física e intelectual de todos os seus membros até o melhor grau possível”.

Nós não escondemos, nem escondemos de nossos adversários, que o primeiro passo para isso é a expropriação de toda estrutura fundiária ou de outros meios de produção. Com isso, aconteceria a abolição do Estado em sua forma atual. Nenhuma confusão com relação a nossos objetivos é mais abrangente do que a que leva aqueles cujo pensamento é confuso a imaginar que alguém pode alcançar as mudanças que desejamos, além das condições sociais que dela resultam no quadro de um Estado como o nosso. O Estado é hoje uma organização de coação a serviço da manutenção das atuais condições de propriedade e regras sociais. Seus representantes são alguns homens de classes médias e superiores, lutando por posições que trazem salários anormais. O Estado sob o socialismo, se mantivermos um termo ligado a

tantas recordações históricas terríveis, será a aptidão organizada de uma coletividade de trabalhadores. Seus oficiais não serão nem mais nem menos prósperos do que seus companheiros. O divórcio entre a arte e o trabalho que aflige o coração dos artistas, sem que na maioria dos casos conheçam a causa econômica de sua dor, desaparecerá.

### **A mulher e o socialismo**

E agora vem a parte sobre as consequências de tudo isso em relação à mulher e, portanto, à família. Podemos ter certeza de duas coisas. As outras serão resolvidas pela evolução da sociedade, embora cada um de nós possa ter a sua opinião pessoal sobre cada ponto particular. O que está claro é que a igualdade prevalecerá para todos, independentemente do sexo. Então, a mulher será independente. Sua educação e todas as outras oportunidades oferecidas serão as mesmas que as dos homens. Como ele, ela deverá, contanto que esteja sadia de corpo e de mente (e como vai crescer o número destas mulheres!), dar suas duas ou três horas de trabalho social para prover as necessidades da coletividade e, conseqüentemente, as suas. Em seguida, ela terá acesso à arte, à ciência, ao ensino, à escrita ou a qualquer forma de entretenimento. A prostituição terá desaparecido com as causas econômicas que a provocaram e que, neste momento, a tornaram uma obrigação.

Se a monogamia ou a poligamia prevalece sob o regime socialista é um detalhe sobre o qual cada um pode falar apenas em seu nome pessoal. A questão é muito importante para ser resolvida entre os arbustos e miasmas do nosso sistema capitalista. Quanto a nós, acreditamos que a monogamia prevalecerá. Há, aproximadamente, o mesmo número de homens e mulheres, e o ideal mais belo parece ser a união harmoniosa e duradoura de duas vidas humanas. Um tal ideal, quase impossível de alcançar nos dias de hoje, requer pelo menos quatro coisas: amor, respeito, acordo intelectual e domínio das necessidades da vida. Cada um desses pontos é muito mais viável dentro da estrutura do sistema para o qual estamos nos movendo do que neste em que “vivemos” atualmente. O último ponto é absolutamente garantido a todos. Como Ibsen faz Helmer dizer a Nora: “uma espécie de escravidão e feiura é introduzida em um lar baseado nas dívidas e no empréstimo”<sup>9</sup>. Entretanto, os empréstimos e as dívidas não podem surgir quando se é membro de uma coletividade, e não um homem isolado que defende seus próprios interesses. O acordo intelectual será mais bem garantido por uma educação idêntica para o homem e a mulher, pela sua formação lado a lado até que se

---

<sup>9</sup> *Casa de Bonecas*, ato 1.

unam. Fruto inaceitável do capitalismo, a jovem de *In Memoriam*, de Tennyson, terá se tornado um mito, com o seu “eu não consigo compreender, eu amo”. Todos terão aprendido que não pode haver amor sem compreensão. E o amor e o respeito que estão ausentes ou perdidos por causa dos defeitos e imperfeições produzidos pelo sistema de sociedade mercantil aparecerão mais facilmente e não desaparecerão, por assim dizer, nunca. O contrato celebrado entre um homem e uma mulher será de natureza estritamente privada, sem intervenção de um agente público. A mulher não será mais escrava do homem, mas sua igual. O divórcio não será mais necessário.

E quer estejamos certos ou errados ao considerar a monogamia como o melhor sistema matrimonial para a sociedade, podemos ter certeza de que o melhor será escolhido, e isso por sabedorias mais maduras e fecundas do que as nossas. Podemos ter certeza também de que essa escolha não será favorável ao *casamento-permuta* (com seu aspecto poligâmico) de nossa triste época. Podemos ter a certeza sobretudo de que duas grandes calamidades que favorecem, juntamente com outras, a destruição das relações entre homens e mulheres, deixarão de existir. Tais calamidades são o tratamento do homem e da mulher como seres diferentes e a mentira. Não haverá mais uma lei para a mulher e outra para o homem. Se a sociedade futura, a exemplo da sociedade europeia de hoje, considera um direito do homem ter amantes, tal como uma esposa, podemos ter certeza de que será concedida às mulheres uma liberdade semelhante. Será o fim da dissimulação vergonhosa, da mentira permanente que torna a vida doméstica da maior parte dos nossos lares ingleses uma hipocrisia sistemática. O que a opinião pública deliberada e ponderada julgar mais justo será julgado com franqueza abertamente. O marido e a esposa poderão fazer o que poucos deles são capazes de fazer agora: olhar-se claramente nos olhos, no fundo do coração. Nós acreditamos que o compromisso de um homem com uma mulher será melhor para todos e que eles encontrarão um no coração do outro o mesmo que está em seus olhos: sua própria imagem.